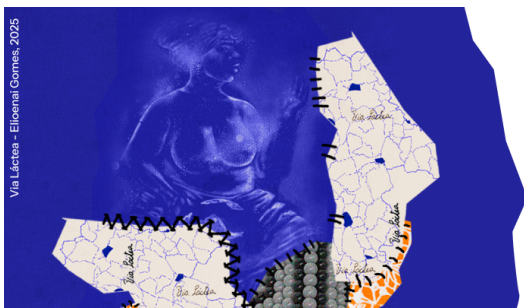




CORPO-ORALIDADES DE MULHERES QUE CONTAM HISTÓRIAS: CARTOGRAFIAS CÊNICAS EM TERRITÓRIOS URBANOS NORDESTINOS

BODY-ORALITIES OF WOMEN WHO TELL STORIES: SCENIC CARTOGRAPHIES IN NORTHEASTERN URBAN TERRITORIES

Fernanda da Silva Araújo Mélo¹

UFRN/UFPE

Karyne Dias Coutinho²

UFRN

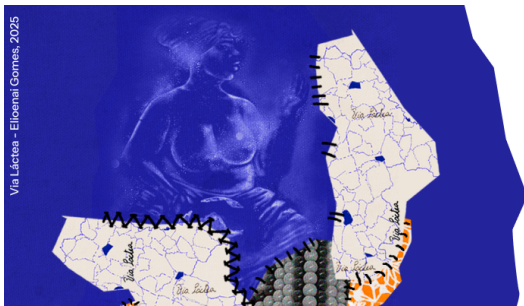
Resumo: A presente pesquisa de doutorado está sendo experimentada no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGARc/UFRN) e se propõe a cartografar corpo-oralidades de mulheres que contam histórias em diferentes territórios urbanos nordestinos, no encontro entre a pesquisadora-narratriz (Mélo, 2020) com mulheres artistas contadoras de histórias e professoras participantes de oficinas de contação de histórias realizadas em diferentes espaços-tempos de sua trajetória. É no fluxo do movimento vivo dos corpos em encontro que a pesquisa tem sido bordada pelas ancestralidades e encantamentos do tempo espiralar de Leda Maria Martins (2003), con(versando) ainda com narrativas sobre a palavra corpo em Margareth Rago (2013) e bell hooks (2017) e com os aspectos da filosofia da narração de Adriana Cavarero (2025), em fricção com a os elementos da obra A crise da narração (Han, 2023). Na ação de bordar aspectos singulares da pesquisa e na interlocução com o Coletivo de Estudos Poéticas do Aprender (CNPq-UFRN), este trabalho assume o *cartografar* no bastidor do bordado, com o texto e suas texturas, as escolhas das linhas e suas cores como ações performativas que possam acionar outras escritas para/com/na contação de histórias como linguagem artística.

Palavras-chave: corpo-oralidades; cartografia; contação de histórias; mulheres artistas; pedagogia das artes cênicas

Abstract: This doctoral research is being piloted in the Graduate Program in Performing Arts at the Federal University of Rio Grande do Norte (PPGARc/UFRN) and aims to map the body-oralities of women who tell stories in different urban territories in the Northeast region.

¹ É atriz, contadora de histórias e professora de teatro do Colégio de Aplicação da UFPE desde 2016. Doutoranda e mestra em Artes Cênicas (PPGARc/UFRN), é pesquisadora vinculada ao Coletivo de Estudos Poéticas do Aprender (CNPq/UFRN). Possui especialização em Arte, educação e tecnologias contemporâneas (UnB) e licenciatura em Artes Cênicas (UFPE). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8058950626553233> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6496-3848?lang=pt>

² Doutora em Educação pela UFRGS, com Pós-Doutorado em Artes pela UNESP. Professora da UFRN, onde lidera o Coletivo de Estudos Poéticas do Aprender (CNPq), orientando pesquisas sobre conexões entre artes cênicas e educação, nos Programas de PósGraduação em Artes Cênicas (PPGARc) e em Educação (PPGED). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6013805360280552> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2703-5839>.

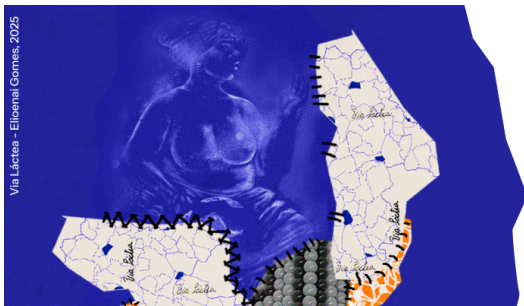


This research aims to map the body-oralities of women who tell stories in different urban territories in the Northeast region, through the encounter between the researcher-narractress (Mélo, 2020) and women storytelling artists and teachers participating in storytelling workshops held in different spaces and times throughout her career. It is in the flow of the living movement of these bodies in encounter that the research has been embroidered by the ancestries and enchantments of Leda Maria Martins' (2003) spiraling time, con(versing) with narratives about the word body in Margareth Rago (2013) and bell hooks (2017) and with aspects of Adriana Cavarero's (2025) philosophy of narration, in friction with elements of the work "The Crisis of Narration" (Han, 2023). In the act of embroidering singular aspects of the research and in the dialogue with the Coletivo de Estudos Poéticas do Aprender (CNPq-UFRN), this work assumes cartography in the embroidery frame, with the text and its textures, the choices of threads and their cores as performative actions that can trigger other writings for/with/in storytelling as an artistic language.

Keywords: body-oralities; cartography; storytelling; women artists; pedagogy of the performing arts

1. Um bastidor de bordado que continua

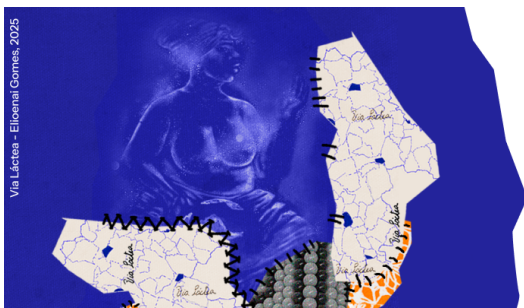
Desde que iniciamos as costuras com os fios da pesquisadora-narratriz (Mélo, 2020) temos tecido cores e vivenciado *performações* para encontrar com pessoas que querem contar histórias e as potencialidades narrativas que carregam, atualmente orientadas por três princípios. O primeiro deles: convidar o corpo de cada pessoa ao movimento que gera palavras, criando um espaço para experimentar sua narrativa de vida, ouvir a própria voz e conhecer/partilhar histórias orais e/ou literárias (encontrar-se com as histórias que habitam a materialidade dos livros). Consideramos esse conjunto circunscrito numa prática de pedagogia das artes cênicas, na qual jogos e exercícios de expressividade corporal e vocal são elaborados com foco em encontrar um corpo narrativo (Mélo, 2020), aquele que "provoca leituras ao entrar em contato com a comunidade narrativa a que se dirige, nas escolhas que faz do que traz consigo, do que carrega na pele, sejam desenhos, tatuagens, pinturas, maquiagens, ou ainda posturas, gestos, movimentos, desenhos no espaço." (p.116)



Um segundo princípio: apresentar uma bibliografia que priorize a diversidade nas autorias, que o acervo contemple mulheres, pessoas negras, pessoas lgbtqiap+ e ainda acesse histórias que gerem diálogos sobre existências plurais. E, por último, inventar o espaço da *performance* como um lugar de coletividade, buscando produzir elementos que mobilizem as pessoas presentes a criar espaços-tempos comuns para ouvir e narrar histórias onde atuam.

Neste início de pesquisa de doutorado, vimos buscando uma abertura de um processo experimental para tecer **cartografias de corpo-oralidades de mulheres que contam histórias em diferentes territórios urbanos nordestinos**, o que gerou as seguintes perguntas: *Qual a relação que mulheres que contam histórias têm com seus corpos como espaço-tempo de criação? De que maneira essas mulheres constroem relações com seus públicos e quais instâncias são corporais nessa relação? Que invenções, brechas, ações coletivas a contação de histórias produz nos corpos e cotidianos destas mulheres? Quais pedagogias das artes cênicas constituem processos de performance para contar histórias? Como acontece a percepção da corpo-oralidade na produção de palavras ao se constituir contadora de histórias na região nordeste do Brasil?*

As palavras abrem espaços do corpo sentir, seja na ação ou no papel, no encontro com histórias vivas, além de poder “destacar e refletir sobre experiências que tem sido menos teorizadas e estudadas na área dos estudos feministas, experiências intensas, miúdas, constantes de outros modos de pensar, agir e existir em prol da autonomia feminina.” (Rago, 2013, p.28) Assim, enredadas com as mulheridades, feminismos, corpo-oralidades que nos atravessam até esse momento, vamos instaurando as escrituras da pesquisa, esticando e afrouxando o tecido no bastidor do bordado que continua.



2. Corpo-oralidades de/com/para/por mulheres em diferentes territórios urbanos nordestinos

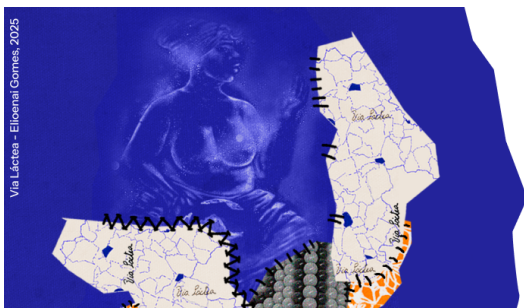
A filósofa Adriana Cavarero (2025) apresenta aspectos sobre a constituição do protagonismo das mulheres como contadoras de histórias, partindo da figura mítica de Sherazade e da experiência de mulheres no mundo contemporâneo, costurando conceitos como “amizade narrativa” e “narrabilidade” em sua obra *Filosofia da narração*. Os corpos e palavras de mulheres contadoras de histórias podem anunciar quem somos na perspectiva da coletividade, da diversidade, dos afetos e da política. Podem? A mesma contação de histórias que pode ser uma linguagem para inventar corpos livres, fazendo-os reconhecer vivacidade e alegria na brincadeira e no jogo que constitui quem somos ao narrar histórias tradicionais e literárias na vida e na arte, também tem sido apropriada pela indústria cultural e econômica, como é o caso da técnica de *storytelling* no marketing.

Sobre isso, já no início da obra *A crise da narração* (2023), o coreano residente na Alemanha e pesquisador da Universidade de Berlim, Byung-Chul Han, alega que

Quando as narrações nos ancoravam no ser, ou seja, nos atribuíam um *lugar* e transformavam o ser-no-mundo em um estar-em-casa, dando à vida significado, apoio e orientação, isto é, quando a própria vida era um narrar, não se falava em *storytelling* ou em narrativas. Esses conceitos são usados de modo inflacionário justamente quando as narrativas já perderam sua força originária, sua gravitação, seu mistério, e mesmo sua magia. (Han, 2023, p.10)

E segue argumentando que estamos numa era pós-narrativa, onde há um esvaziamento do “poder de vinculação característico da narrativa”. (Han, 2023, p.10)

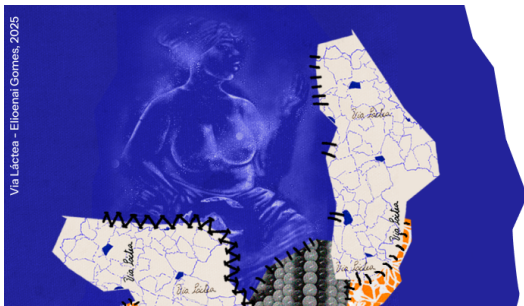
Escrevemos a palavra corpo-oralidade talvez em contraposição a essa era pós-narrativa esvaziada, em que as empresas vêm se apropriando das nossas histórias (lugares, corpos, objetos) com foco na venda e no consumo. Trazemos para cá uma narrativa recente sobre essa questão: a configuração em 2025 da vila do forró no São João de Caruaru, cidade pernambucana onde uma de nós, a pesquisadora-narratriz Fernanda Mélo, nasceu e cresceu. O vínculo afetivo com a



cidade e especificamente com os festejos juninos atravessam seu corpo desde sempre. Fez parte de toda sua infância, adolescência e vida adulta frequentar o Pátio do forró, constituído para além dos palcos pela vila do forró, anteriormente feita de casas cenográficas de madeira, o mamulengo Mamusebá do mestre Sebá (que continua resistindo), os bacamarteiros e os tiros de espingarda e esse é um recorte específico do que acontece no centro da cidade, incluindo a ação de escutar pessoas da sua família narrando este lugar.

No ano de 2025, houve a venda de toda a vila do forró para marcas de diversos produtos (cosméticos, carros, alimentos, higiene) e as cores que faziam parte de um imaginário que dialogava com as bandeirinhas e balões, viraram cores pasteurizadas e relacionadas a cada marca. Com isso, aconteceu um grande incômodo por parte de um grupo de moradores e da classe artística local, registrado nas mídias sociais e também expresso em rodas de conversa, apontando uma possível apropriação de uma narrativa cultural que por anos constituiu o São João de Caruaru e o apagamento de um espaço que expressava elementos da nossa cultura, para se oferecer a experiência de viver aquele lugar agora com elementos visuais que são de um shopping center.

Pensando o acontecimento narrado anteriormente e a mudança estética e política que acontece ao se transformar o espaço da vila do forró no São João da cidade de Caruaru-PE em um lugar majoritariamente de publicidade, aparece de modo mais explícito um impacto ao que poderia ser constituinte da cultura tradicional nesse lugar e passamos a perceber mais diretamente o que o consumo e o capitalismo produzem o tempo inteiro em nossas vidas e como esses elementos se expressam de forma híbrida e borrada em nossas experiências. Assusta a alguns uma grande vila (que antes remetia a casas de uma área rural) se tornar uma vila de marcas para/de publicidade em um espaço que deveria expressar uma cultura tradicional e popular, mas também enfatiza que esse lugar sempre foi fabricado e atravessado por dinâmicas econômicas de transportar para o centro de forma comercial a experiência do São João que antes acontecia nos bairros e passar a chamá-la e constituí-la como uma narrativa coletiva do que é o São João de Caruaru.



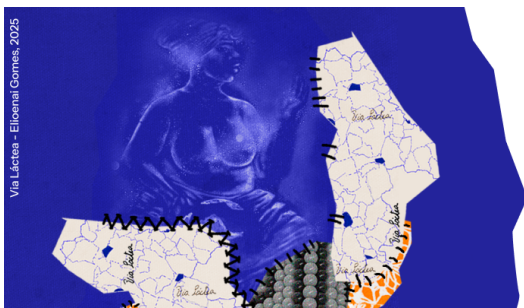
Neste sentido, faz-se importante sublinhar que a cultura é um atravessamento de muitos elementos e que se antes, poderíamos apresentar a vila do forró como parte da nossa cultura tradicional, no momento em que ela é completamente engolida pelas marcas e pela publicidade que já são vistas ostensivamente nos shoppings e nas redes sociais, também podemos perceber que não havia uma cultura completamente tradicional naquele lugar. O que não impede de ter um vínculo afetivo com a narrativa e uma memória que insiste em perguntar: quais narrativas estamos produzindo enquanto sociedade para nossas gerações presentes? O que estamos contando/contaremos de nós na arte e no prazer de estar juntos e juntas vivendo uma festa como o São João?

Os dias festivos religiosos são o ponto alto e de destaque de uma narração. Sem narração não há festa, não há época festiva, não há sentimento de festividade na forma de um senso intensificado de ser, mas apenas trabalho e lazer, produção e consumo. (Han, 2023,p.11)

Entendendo que o corpo da doutoranda pesquisadora-narratriz, um corpo de artista contadora de histórias nordestina, nascida e criada na cidade de Caruaru é atravessado por essas e tantas outras dinâmicas culturais, ainda mais sendo uma artista urbana, com experiências de um saber-fazer constituído academicamente, dialogamos com as palavras de Nestor Garcia Canclini neste momento de mapear o ofício de constituir uma contadora de histórias urbana com outras mulheres:

Así como no funciona la oposición abrupta entre lo tradicional y lo moderno, tampoco lo culto, lo popular y lo masivo están donde nos habituamos a encontrarlos. Es necesario desconstruir esa división en tres pisos, esa concepción hojaldrada del mundo de la cultura, y averiguar si su hibridación puede leerse con las herramientas de las disciplinas que los estudian por separado: la historia del arte y la literatura, que se ocupan de lo "culto"; el folclor y la antropología, consagrados a lo popular; los trabajos sobre comunicación, especializados en la cultura masiva. Necesitamos ciencias sociales nómadas, capaces de circular por las escaleras que comunican esos pisos. O mejor: que rediseñen los planos y comuniquen horizontalmente los niveles. (Canclini, 1990, p.14-15)

Essas concepções que Canclini apresenta interessam num texto sobre contação de histórias porque habitar o mundo contando histórias requer mapear esse mundo e suas camadas culturais, sociais, políticas e fazer muitas perguntas para compor essa arte. Em contraponto ao esvaziamento das nossas narrativas através do consumo, afirmamos uma corpo-oralidade como palavra que sustente histórias que nos habitem o corpo e a voz de modo diverso e plural, no encontro com



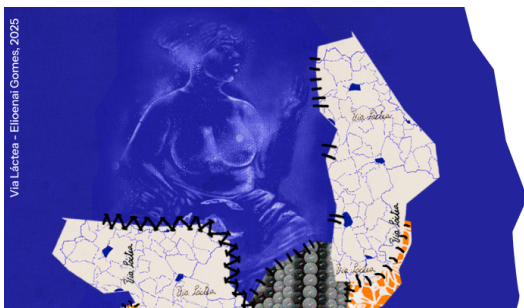
gentes, com ancestralidades, com o que está inscrito na oralidade e se presentifica nos corpos que narram. Ocupar o nosso mundo com narrativas orais que nos digam para além da existência que se compra é parte do ofício de contar histórias, incluindo ser voz de resistência também para que se qualifique os espaços de partilha da arte da narração oral, da narração artística, da contação de histórias.

Se o que está ocupando os espaços que compartilham cultura não está narrando o que queremos sustentar enquanto fogueira acesa da nossa existência humana, precisamos lutar para criar esses espaços coletivos ou observar onde eles resistiram. Por exemplo, valorizar o viver a cultura do São João em nossas casas e bairros, ouvindo a nossa ancestralidade, vendo a família acender fogueira e soltar fogos, arrumar a mesa da festa, enfeitar a casa com bandeiras e balões, ouvir forró e dançar, partilhar a festa na urbanidade que temos e também somos é uma pista para as miudezas e brechas cartográficas de continuidade das ações da cultura que geram pertencimento e que queremos ver narradas.

Com relação a isso, a pesquisadora brasileira Leda Maria Martins (2003) configura elementos na perspectiva do termo *oralituras* que contribuem com a costura que estamos tecendo no bordado da pesquisa, quando diz que “Nas culturas predominantemente orais e gestuais, como as africanas e as indígenas, por exemplo, o corpo é, por excelência, o local da memória, o corpo em performance, o corpo que é performance.” (Martins, 2003, p.78) E ainda, em sua obra *Performance do tempo espiralar* (2021), afirma que

[...] toda uma plêiade de conhecimentos, dos mais concretos aos mais abstratos, foi restituída e repassada por outras vias que não as figuradas pela escritura, dentre elas as inscrições oral e corporal, grafias performadas pelo corpo e pela voz na dinâmica do movimento. O que no corpo e na voz se repete é também uma episteme. (Martins, 2021, p. 23)

A contação de histórias, como território de experiência a partir dos sentidos do corpo, ativados com e pela oralidade, pode se configurar em lugares de transformação para o cotidiano em diferentes espaços e ações: a abertura à escuta das histórias de vida das pessoas, a escuta de uma história/ conto no trabalho, na escola e outros espaços de socialização, a possibilidade de criar uma relação com o próprio corpo na investigação do ato de narrar ou ainda de como a própria família narra uma festa como o São João. Neste processo, a partilha das corpo-oralidades



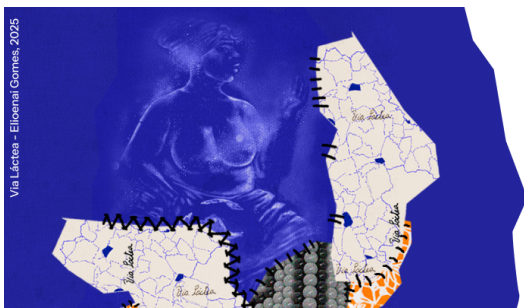
presentes na ação de contar e escutar histórias pode potencializar relações e produzir vínculos entre pessoas que compartilham experiências diversas e múltiplas com seus corpos, imersas em contextos sociais e políticos, pois

Quando começamos a falar em sala de aula sobre o corpo, sobre como vivemos no corpo, estamos automaticamente desafiando o modo como o poder se orquestrou nesse espaço institucionalizado em particular. [...] a presença do professor como corpo na sala de aula, a presença do professor como alguém que tem efeito total sobre o desenvolvimento do aluno, não somente um efeito intelectual, mas um efeito sobre como esse aluno percebe a realidade fora da sala de aula. (hooks, 2017,p.183)

Toda experiência que nos acontece como artistas e professoras vai ser parte de um tecido corporal, nosso corpo se põe em estado de escuta e envolvimento ou permanece distante e sem conexão, o que se passa no mundo e o que dizemos dele e como escolhemos dizer é nossa corpo-oralidade.

Neste sentido, lembramos que ao encontrar mulheres contadoras de histórias ou ainda mulheres educadoras que têm uma relação estreita com as histórias a partir dos livros nas bibliotecas, destacamos que vem sendo construída uma relação tomando como ponto de partida uma cartografia do corpo que conta, um *cartografiar* de corpo-oralidades no encontro com essas mulheres e quem sabe um corpo cartográfico de quem narra e é narrada como pesquisadora das artes cênicas.

Materializar esse desejo leva tempo e será constante nas práticas escritas desta pesquisa. E como as outras mulheres narradoras e/ou professoras vivem essa questão? De que modo ampliar o diálogo sobre pautas que muitas vezes geram afastamentos e exclusões? Se o consumo é uma questão que atravessa o tornar-se contadora de histórias, assim como as pautas políticas das ditas minorias, que outras questões emergem dos encontros com mulheres que se constituíram contadoras de histórias urbanas numa região como o nordeste do Brasil? Como dar contorno a essas questões e ainda manter a poesia, o vínculo, a partilha da escuta e encantamento das histórias orais ou literárias como parte constituinte da pesquisa? Essas são perguntas que vem se fazendo e refazendo neste início da pesquisa, em



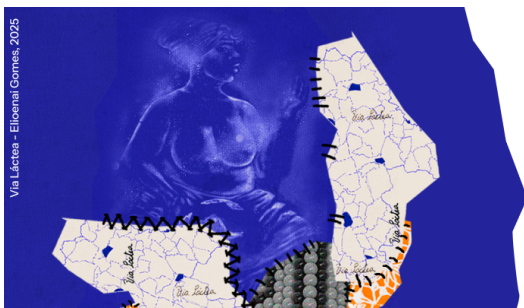
que estamos atualizando o projeto a partir dos estudos realizados no curso de doutorado, incluindo a metodologia da pesquisa, que se borda num *cartografiar*.

3. O *cartografiar* como instância da pesquisa em artes cênicas

O método cartográfico é do rizoma do desejo, e se constituiu em território brasileiro a partir do diálogo inicial dos filósofos franceses Guilles Deleuze (1925-1995) e Félix Guattari (1930-1992) com a filósofa brasileira Suely Rolnik (1948) e hoje tem nas pistas de pesquisadores(as) como Eduardo Passos e Virgínia Kastrup, a ampliação enquanto metodologia em diferentes campos do conhecimento, incluindo as artes cênicas. A pesquisadora-narratriz (Mélo, 2020), ao se encontrar em cartografia, se coloca na relação com mundos que virão a existir na feitura das percepções e palavras durante a pesquisa e também e se destruir na feitura das percepções e palavras já que a cartografia só acontece a partir da imersão nas ações que se escolhem realizar. Assim, desejamos um esgarçar dos fios já encontrados no mestrado, dos nós que ainda não foram dados, nem vistos e a continuidade do *cartografiar* como ação de sermos pesquisadoras das artes cênicas, tramada com as corpo-oralidades que vibram os corpos que desejamos encontrar e ainda

Por compreender que pesquisa e metodologia são inseparáveis e que mantêm entre si uma relação de retroalimentação, de modo que o percurso de uma vai interferindo no curso da outra, apostamos na necessidade de um conhecimento sensível e aberto, capaz de desconfiar de si mesmo e, nesse processo, se refazer... Porque pesquisar é estar com outros e entre outros, não pode prescindir do diálogo, da escuta, da atenção - aos refugos, às minúcias considerados sem importância, às pequenas e esquecidas preciosidades cotidianas (gestos, palavras, silêncios, expressões....). (Guedes, 2019, p. 17)

Escolhemos a continuidade da cartografia como guiança, do *cartografiar* como ação de um corpo cartográfico na busca por um plano comum, conforme argumentam Kastrup e Passos no texto *Cartografar é traçar um plano comum*, no rastro de que “A aposta da cartografia é na construção coletiva do conhecimento por



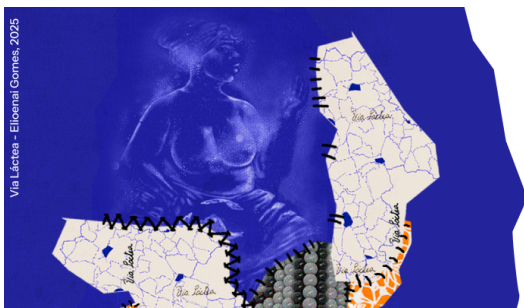
meio de uma combinação que pode parecer, à primeira vista, paradoxal: acessar e, ao mesmo tempo, construir um plano comum entre pesquisadores e pesquisados.” (Passos, 2015, p.24) E, ao dialogar com Jacques Rancière no mesmo texto, pensando a “partilha do sensível” e de diferentes formas de construir comunidade (comum partilhado), dizem que

No mesmo ato, a partilha reparte a realidade e cria domínios de participação. Partilhamos um domínio comum do qual fazemos parte em função do modo como juntos habitamos um território, coexistimos em um tempo e compartilhamos um tipo de atividade, um modo de fazer. (Passos, 2015, p.22)

Assim, pretendemos habitar territórios urbanos e nordestinos com mulheres que contam histórias em diferentes espaços e lugares, coexistindo nesse espaço-tempo e cartografando modos de saber-fazer contação de histórias e suas corpo-oralidades. Sabendo que não há ponto de partida na cartografia, consideramos ainda que nossos olhares serão atravessados pelos corpos e pensamentos das artes cênicas, produzindo outros modos de perceber a arte de contar histórias em territórios urbanos e as relações produzidas com/para/nos corpos de mulheres. Como já explicitado, escolhemos retornar a uma geografia de encontros iniciados e traçar novos caminhos, costurando a percepção de que no

processo de praticar cartografia, a principal preocupação não é a de descrever a realidade de um grupo, mas a de acompanhar os processos múltiplos que ativam movimentos singulares de produção de realidade e seus consequentes regimes de verdade. [...] Por sua vez, o cartógrafo é partícipe das próprias linhas que ele segue, sendo um efetivo praticante das composições de realidade que ele pretende *descrever*. (Simioni, 2019, p. 81)

Conversando com as palavras de Simioni, escrevemos que a cartografia é um bastidor de bordado (aro de madeira que sustenta o tecido que vai receber o movimento de linhas e agulhas), no qual sustentamos tecidos de teorias e existências, com linhas, agulhas e nós da pesquisa, que vão constituindo corpos de escritas e são escolhidos a partir da relação singular que cada pessoa vive com a contação de histórias. As cores das linhas, o tipo do tecido, a presença ou ausência

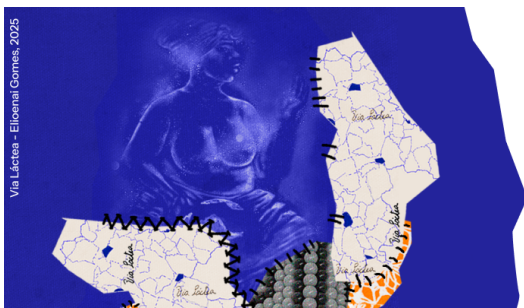


de estampas e as texturas só acontecerão no encontro, no possível presente que viveremos juntas.

Assim, brincamos com o método cartográfico e seus encantamentos, no desejo pelas miudezas, pelo que se perde no caminho, pelo corpo agreste de nascimento da doutoranda pesquisadora-narratriz, em encontros com o agora futuro entre os litorais e corpos de Natal e Recife, para encontrar mulheres que contam histórias com suas corpo-oralidades, incluindo as pesquisadoras do Coletivo de Estudos Poéticas do Aprender.

É por buscar dilatar e concentrar a escuta no encontro, que se deseja viver um processo aberto, apresentando a pesquisa às mulheres com quem intencionamos vivê-la, no desejo de apreender modos de fazer contação de histórias com as outras, perceber traços delas na própria pesquisadora que é contadora de histórias, podendo encontrar novas formas de dizer sobre/com/na contação de histórias enquanto linguagem artística, cartografando também outros sentidos para a expressão corpo-oralidades e o que mora no entrelugar do hífen que une as palavras.

Finalizamos, então, na vontade e gosto de inventar uma comunidade narrativa, partilhar desconhecimentos, sentidos, poéticas, constituindo outros espaços-tempos na/da/com mulheres que contam histórias, sabendo das mudanças constantes que vêm das narrativas orais como instância viva da memória e da ancestralidade, sem limites de idade, com afeto, escuta e histórias coletivas diversas e plurais.



Referências

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**. Estrategias para entrar y salir de la modernidad. México: Editorial Grijalbo, 1990.

HAN, Byung-Chul. **A crise da narração**. Tradução de Daniel Guilhermino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. trad. Marcelo Brandão Cipolla. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

MARTINS, L. **Performances da oralitura**: corpo, lugar da memória. Letras, [S. l.], n. 26, p. 63–81, 2003. DOI: 10.5902/2176148511881. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>. Acesso em: 28 set. 2024.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MÉLO, Fernanda da Silva Araújo. **Cartografios de uma narratriz** : performances entre contação de histórias, teatro e educação / Fernanda da Silva Araujo Melo. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Natal, 2020. Disponível em <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/29498> Acesso em: 01/08/2024

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RAGO, Luiza Margareth. **A aventura de contar-se**: feminismos, escritas de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

SIMIONI, Eduardo. **Linhas, tramas, cartografias e dobras**: uma outra geografia nos cotidianos das pesquisas. In GUEDES, Adrienne Ogêda. Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas/ orgs. Adrianne Ogêda Guedes e Tiago Ribeiro. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.